

A FESTA DO CARRO DE BOIS: UMA TRADIÇÃO REINVENTADA

Maria Clara Tomaz Machado
Universidade Federal de Uberlândia

O primeiro contato com a Festa do Carro de Bois se deu através de um programa rural na TV em 2000. A sensação provocada ao ver na tela o cortejo de carros de bois enquadrado no cerrado mineiro, as comidas fumegantes, os caipiras enrolando seus cigarros de palha, as rodas de música sertaneja em torno da fogueira, foi de ter sido sugada pelo túnel do tempo, cujo transporte físico da matéria teria proporcionado voltar no início do século XX. Minutos depois, a cada dificuldade vencida pelos maratonistas, era possível imaginar que o presenciado não era senão um inusitado “rally” de carros de bois em busca de um disputado troféu.

Um ano mais tarde, em um encontro com amantes da música sertaneja, recebi o convite entusiasmado de amigos envolvidos com esta festa para dela participar. Como pesquisadora de práticas culturais do interior das Gerais não pude deixar de ser contaminada pelos arrebatados relatos dos participantes. Foi desta forma que em julho de 2002 tive oportunidade de vivenciar a 16ª Festa do Carro de Bois, em Vazante, noroeste de Minas Gerais.

Parodiando Hobsbawm¹ e, ao mesmo tempo, contradizendo-o, a Festa do Carro de Bois de Vazante, pequena cidade encravada na região do Triângulo Mineiro, Alto Paranaíba/MG, permite pensar que sujeitos sociais, atropelados, em nome do desenvolvimento e do progresso, pelas práticas desintegradoras de experiências de vida do capitalismo liberal, são capazes de, em um ato de resistência, reinventar uma tradição². Nesse sentido, em busca de uma identidade perdida, festeja-se há vinte anos o encontro com as raízes do passado e a “carreata de bois”, que ocorre durante quatro dias do mês de julho, foi a forma possível, mesmo que travestida do simbólico, do lúdico, do religioso, de reescrever a história do passado mineiro. Hoje, esta festa organizada institucionalmente por uma Associação Cultural, com regras e normas convencionadas e subsidiada pelo poder público local, EMATER, e o comércio da região, é um “mix” de múltiplas vivências, trabalhos, artes de fazer e práticas culturais já esquecidas.

Inferindo de Certeau a capacidade de resistência das classes populares, por meio de táticas e trampolinagens, à sociedade do espetáculo, da superabundância dos significados, contudo, sem a possibilidade de expressão própria³, permitimos pensar esta festa no campo da cultura popular,

como aquilo que permanece das experiências vividas no cotidiano dos sujeitos sociais. Experiências essas que, sedimentadas em suas raízes culturais, possibilitam desvencilhar-se de um destino traçado pelas forças do capital, resguardando uma identidade social. Reforçando essa idéia, Certeau reitera que: (...) *a cultura comum lança caminhos plurais para fugir de seus amos, sonhar com a felicidade, enfrentar a violência, provar as formas sociais do saber, dar nova forma ao presente e realizar essas viagens do espírito sem as quais não há exercício da liberdade*⁴.

Assim, em torno do inusitado “rally” envolvendo mais de cem carros de bois, mil bois, duzentos carreiros e candeieiros, em um percurso de quarenta quilômetros, com dificuldades estratégicas a serem vencidas por peões e boiadeiros, diversas outras atividades programadas ocorrem nos quatro pousos. Pelo vulto desse evento, envolvendo mais de dez mil pessoas/ano de toda a região na qual se insere, é possível entrever que seu objetivo, ao recriar práticas sociais em desuso, seja o de buscar o elo perdido entre passado e presente e, talvez o caminho vislumbrado, entre tantos outros, foi o de reinventar tradições forjadas na cultura popular.

Num esforço por compreender esta festa como uma forma de resistência à modernidade por meio de tradições reinventadas, fazemos nossa a avaliação de Diehl: *a situação de estetização simbólica ou, em outras palavras, a ornamentação de signos e significados de determinados grupos sociais étnicos privilegia a recolonização das experiências do cotidiano, especialmente levando-se em conta a profunda crise atual de valores modernos e seus respectivos projetos de futuro*.⁵ Aqui, a rememoração se traduz na ressubjetivação e repoetização do passado (re)simbolizado, com a intenção mesma da revalorização dos sentidos das funções culturais, produzindo uma nova estética do passado.

Nesse sentido, a festa do carro de bois é entendida como uma representação produzida por sujeitos sociais que ainda têm o mundo rural como referência de vida, cujas experiências estão fundadas na sociabilidade comunitária de uma economia rural de subsistência. O conceito de experiência referido é benjaminiano⁶, pois permite pensar a tradição a partir do momento em que o coletivo e o individual se unem, originando uma prática cultural comum aos sujeitos sociais nela envolvido, capaz, por isso mesmo, de ser transmissível às futuras gerações.⁷ Tradição, desse ponto de vista, não são apenas rastros ou restos que, como lembranças, se diluem e se perdem no tempo. Mais que isso, tendo como suporte uma memória transgressora da ordem de progresso imposta, retoma o passado consciente dos seus sofrimentos e perdas, para projetar um futuro cuja identidade cultural⁸ seja porta voz de sua luta contra a alienação.

Ainda uma vez, Certeau nos ampara nesta análise quando confirma que (...) *a memória é o antimuseu: não é localizável. Dela saem clarões nas lendas. Aí dorme um passado, como nos gestos cotidianos de caminhar, comer, deitar-se onde dormitam revoluções antigas. (...)Os lugares vividos são como presenças de ausências. O que se mostra designa aquilo que não é mais. (...)Os*

*demonstrativos dizem do visível suas indivisíveis identidades.*⁹ Nessa perspectiva, a festa de carro de bois, ao representar esteticamente um passado por meio de relíquias culturais, compõe um relato tecido de histórias perdidas, de gestos opacos, recriando não mais o real vivido, mas um conjunto simbólico que, articulado às experiências do cotidiano agrário, produz a comemoração como um anti-texto à racionalidade do mercado e das relações sociais do capitalismo moderno. Como ausência da presença o ritual de quatro dias de festa permite na poeira das estradas e trilhos de terra, temperada pelo suor dos corpos em movimento, das toadas e aboio dos vaqueiros, do triste lamento e gemido do carro de bois, recriar e reviver uma tradição, cuja prática concreta no mundo rural atual já se extinguiu.

Vazante, palco da carreata de bois, é uma cidade cujas origens remontam a 1850¹⁰, marcada pela aparição de Nossa Senhora na gruta da Lapa, para onde acorriam devotos em romarias, que pelos anos se multiplicavam, pela fama dos milagres atribuídos à santa. De distrito de Paracatú se transforma em município em 1953, marcando a sua estrutura sócio-econômica as atividades agropecuárias e a exploração industrial do zinco das entranhas de suas serras desde 1955. De uma população de 18.908 mil habitantes¹¹, 4.000 estão direta e indiretamente empregados na Companhia Mineira de Metais, do grupo Votoratim, que beneficia em sua usina mais de 15.000 toneladas mensais desse minério, processado industrialmente em Três Marias – daí a sua caracterização como cidade metalúrgica. A Cia Mineradora Areinse S/A - Masa, do grupo INGÁ do Rio de Janeiro desativou suas atividades desde 2000, estando sob júdice. Apesar de ser a maior fonte geradora de ICMS para Vazante, a extração do zinco tem ocasionado sérios problemas ecológicos ao município, poluindo seus rios e secando suas fontes mananciais de água¹².

Não poderia deixar de ser mencionado a inserção da cidade a partir de 1975 no II Plano Nacional de Desenvolvimento - PND¹³, como área prioritária do Pólo Centro em Minas Gerais, projeto político concebido pelas ditaduras militares, objetivando a ocupação dos cerrados como área produtiva de grãos para exportação. Tal projeto, mesmo que não tenha mudado a perversa desigualdade social no campo, propiciou o desenvolvimento da pecuária de leite/corte e das culturas de soja e milho, carreando para o lugar benefícios tais como armazéns/silagem, telefonia/eletricidade rural, construção de estradas vicinais e pavimentação de outras, ligando Vazante à região na qual se insere. E como consequência dos investimentos federais, 40% do valor dos projetos aprovados foram repassados à Prefeitura para construção de equipamentos sociais na área rural: escolas, postos de saúde, entre outros. Foi nessa maré que a Nestlé se instalou no município em 1977 com um posto de recolhimento e resfriamento de leite, refluindo suas atividades em toda a região em 2000.¹⁴

Foi nesse cenário de modernização das atividades agropecuárias – cujas relações sociais antes permeadas pela sociabilidade do trabalho coletivo, característica de uma economia de subsistência

paralela à existência de latifúndios foram, aos poucos, se esgarçando – que a Festa do Carro de Bois encontrou o seu ninho. Os personagens dessa festa, bem como seus organizadores, revelam em seus depoimentos uma recusa em perder sua identidade cultural, cambiando para vivências impessoais relativas à dinâmica das sociedades modernas. Assim, experiências fragmentadas pelo desenvolvimento capitalista no campo, perdidas no tempo, foram reatualizadas na estética da festa. Muito bem descreve essa intenção, um de seus organizadores, ex-prefeito, Hélio Pereira Guimarães:

(...) nós começamos esta festa em 1979 quando eu, o Manoel Rodrigues de Paula e o Jamiro Borges de Melo organizamos um mutirão prá colhê e carría um milho plantado e sentimos de novo a vida, como era bom aquele tempo de nossos pais, avós, da gente menino, dos encontros, da festa depois do trabalho. Ai resolvemos fazer esse encontro de 2 em 2 anos. A coisa pegou, muita gente foi se achegano e aí em 1985 criamos a Associação dos Carreiros do município de Vazante e virô essa festa, que a cada ano cresce em número de participantes de muitos outros lugares. Hoje, vem gente de Unai, João Pinheiro, Coromandel, Lagamar, Patrocínio, Patos de Minas, Presidente Olegário, Paracatu, até de Goiás e São Paulo. Isso estimulou a criação de boiadas nova, o trabalho dos carapina de carro, o aprendizado de candieiro, carreiro. Nossa! É uma bola de neve. Os menino novo, jovens, tão tomando gosto e acho que isso já pegou mesmo, a tradição não vai morrer.¹⁵

A Festa do Carro de Bois se concentra em 4 dias do mês de julho, cujos antecedentes preconizam uma plantação e colheita do milho sob responsabilidade da Associação dos Carreiros e apoio técnico da EMATER, em terreno dos participantes. A festa se inicia numa quarta-feira de lua cheia quando os 100 carreiros pela manhã carregam os seus carros, organizam suas tralhas e se preparam para uma jornada de 10 km. No entremeio da arrumação almoço e jantar são regados com muita cachaça, colocando em dia a prosa acumulada por um ano de trabalho em outras atividades rentáveis. A noite é animada na Fazenda Tamboril por um pagode com sanfona.

Quinta-feira, 8:00h, mais de 200 carreiros e candieiros, muitos com filhos e esposas vão deixando suas redes, barracas ou mesmo o pouso debaixo dos carros, para assistirem a Missa do Carreiro. O almoço ocorre às 10:00h e às 11:00h já estão enfrentando a estrada poeirenta, cujas trilhas são marcadas por riachos, córregos e valas que, pelas dificuldades impostas, aumentam a adrenalina, provocam emoções. Chegando às 14:00 h na Fazenda Muzambinho é hora de desatrelar as juntas de bois, levá-los ao pasto e voltar para curtir o mutirão de fiandeiras, as oficinas que ensinam a fabricar cordas, rédeas, chicotes e toda uma série de habilidades com o couro. Às 18:00h o jantar, o pagode e as rodas de música sertaneja.

Sexta-feira, depois do almoço às 8:00h, as comitivas se preparam para o percurso mais extasiante – a subida da serra, que impõe sérias dificuldades e onde os carreiros podem demonstrar toda sua perícia. No topo da serra, em torno de um grande rancho de buritis se instalam os banheiros, as tendas de refrigerantes, cerveja e espetinhos de carne. A EMATER vende em uma barraca artesanato local, camisetas e fitas de vídeo. O povo da cidade, distritos e da zona rural vai

aos poucos lotando o lugar, apagando a deslumbrante vista descortinada da serra. Barracas improvisadas vão se instalando nos mais diversos lugares, colorindo a paisagem dos mais bizarros tipos. Gente trajada à passeio, vaqueiros à caráter, cavaleiros se exibindo em lustrosas montarias, bois caracus que se exibem e se deixam montar por pessoas que querem ser fotografadas; no rancho, o pagode corre solto.

Uma profusão de sons se misturam àqueles que torcem e se divertem ao ver os carros de bois sendo retorcidos, virando diante da peleja dos candeeiros que estocam os bois com o canzil, penetrando sua carne para que obedeçam suas ordens. Às 18:00h na Fazenda da Estiva ocorre o jantar e o pagode.

Sábado, dia máximo da festa, às 6:00h da manhã toca a alvorada, violeiros e seresteiros se apresentam até a hora do almoço. Às 10:00h os carros na estrada se preparam para sua exibição no encerramento na Fazenda Cachoeira. Neste ponto máximo da festa a organização e estrutura são muito mais vigorosas, com muito mais barracas, tendas e a própria cozinha, pois que até à noite 10.000 mil pessoas para lá se dirigem. No palco improvisado, com potente aparelhagem de som, o radialista vai identificando cada carreiro, suas habilidades, e estes se exibem como podem: uns trazem a família, outros a sanfona, outros ainda, a viola. Param em frente ao palanque, recebem um troféu comemorativo da festa, tiram fotografias. Um senhor ao meu lado, simples cidadão, diz assim:

*(...) A senhora não acha que essa festa tinha que tê um santo padroeiro. Podia sê São Cristovão, pruquê muito acidente e até morte já conteceu. Maisi em festa que os capeta é rei (referência à família Guimarães) santo num entra, né?*¹⁶

Quando o sol se põe e começam as apresentações de catira, de música sertaneja e o pagode corre solto eu me lembrei de um carreiro de 83 anos, que com seu traje simples, sua vara de condutor, pegou o microfone da mão do locutor e disse:

*O boi faiz parte da vida do peão que vive na cultura do cerrado, na roça, lidano com a natureza. (...)Eu indese menino mecho com carro de boi, sem butina, com frio atolava no barro, ferrava o carro e viajava pelas estrada carreteras. Outa hora moía cana de madrugada até anoitinha. Depois veio os caminhão e nosso ofício desapareceu. Hoje tó aqui feliz dimais da conta, porque tô vivo, fazeno o que mais gosto. Num sei se no ano que vem tô na companhia do Horácio Martins (falecido 2002). Mais de tão sastifeito deixo aqui procês as minhas emoções.*¹⁷

-
- ¹ HOBBSAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- ² MACHADO, Maria Clara Tomaz. Cultura Popular: um contínuo refazer de práticas e representações. In: PATRIOTA, Rosangela e RAMOS, Alcides Freire (orgs.). *História e Cultura: espaços plurais*. Uberlândia: Aspectus, 2002.
- ³ CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- ⁴ Idem. p. 342.
- ⁵ DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, SP: EDUSP, 2002, p. 342.
- ⁶ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Obras Escolhidas: magia técnica / arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ⁷ DIEHL, Astor Antônio. *Op. cit.*, p. 189.
- ⁸ MACHADO, Maria Clara Tomaz. *Cultura popular e desenvolvimentismo no interior das Gerais: caminhos cruzados de um mesmo tempo*. São Paulo: USP, 1998: (Doutorado/História Social).
- ⁹ CERTEAU, Michel de. *Op. cit.*, p. 189.
- ¹⁰ OLIVEIRA FILHO, Antônio de. *Da visão da lapa ao minério*. Vazante: Prefeitura Municipal, 1977.
- ¹¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico*, MG, 2000.
- ¹² Informações Prefeitura Municipal de Vazante. Folder informativo.
- ¹³ Ministério do Planejamento. *II Plano Nacional de Desenvolvimento*. PND. Brasília: 1975 – 1985.
- ¹⁴ OLIVEIRA, Mello. *Op. cit.*, p. 95.
- ¹⁵ GUIMARÃES, Hélio Pereira. *Depoimento*. Vazante: julho, 2002.
- ¹⁶ SILVA, Benedito. *Depoimento*. Vazante: julho, 2002.
- ¹⁷ MANOELZÃO. *Depoimento*. Vazante: julho, 2002.